

RESENHA DA OBRA *CÓMO EL PENSAMIENTO CRISTIANO HA SIDO CONDICIONADO POR LA FILOSOFÍA Y CÓMO PUEDE DEJAR DE SERLO*, DE RAÚL A. KERBS

EDUARDO RUEDA NETO¹

KERBS, Raúl A. *Cómo el Pensamiento Cristiano ha Sido Condicionado por la Filosofía y Cómo Puede Dejar de Serlo*. Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2023. 566 p.

133

A relação entre filosofia e teologia tem gerado, ao longo dos séculos, debates intensos e recorrentes. Desde os primeiros séculos do cristianismo, intérpretes da fé buscaram compreender como a mensagem bíblica deveria ser articulada diante das categorias intelectuais disponíveis em seu tempo. No entanto, essa aproximação nem sempre ocorreu de modo consciente ou crítico. Muitas vezes, as lentes filosóficas – sobretudo de origem grega – passaram a orientar a leitura das Escrituras Sagradas judaico-cristãs, moldando não apenas interpretações específicas, mas a própria estrutura conceitual do pensamento cristão. É nesse cenário complexo, em que tradição, hermenêutica e pressuposições metafísicas se entrelaçam, que a obra *Cómo el Pensamiento Cristiano ha Sido Condicionado por la Filosofía y Cómo Puede Dejar de Serlo*, de Raúl A. Kerbs, se insere com especial relevância.

O autor é um filósofo adventista argentino cuja produção acadêmica se concentra na crítica ao condicionamento filosófico do cristianismo. Escritor de obras como *El Problema de la Identidad Bíblica del Cristianismo* (2014) e *Deconstrucción de la Teología Cristiana I e II* (2023), trabalho de fôlego do qual o livro aqui resenhado é uma espécie de resumo, Kerbs tem examinado como pressupostos gregos e da filosofia clássica em geral – sobretudo a noção de um Deus atemporal e absolutamente imutável – moldaram a teologia cristã e afastaram-na,

¹ Doutor com pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente no Mestrado em Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Brasil. E-mail: eduardo.rueda.neto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0180-3895>.

segundo ele, de sua base bíblica. Em artigos e estudos publicados em periódicos como *Enfoques* e *DavarLogos*, além de diversos ensaios, ele argumenta pela necessidade de desconstruir essas categorias extrabíblicas e restaurar uma compreensão fundamentada exclusivamente nas Escrituras. Sua contribuição se insere na linha teológica adventista associada a Fernando Canale, que busca recuperar a filosofia bíblica como marco interpretativo para a teologia cristã.

Kerbs inicia sua obra diagnosticando que o cristianismo contemporâneo, especialmente em suas expressões teológicas majoritárias, distanciou-se das Escrituras, adotando uma atitude que relativiza sua singularidade ao admitir verdade e salvação em outras tradições religiosas. Esse cenário “pós-cristão” teria sido favorecido por um longo processo histórico no qual a teologia cristã substituiu gradualmente sua própria filosofia – inerente ao pensamento bíblico – por categorias provenientes da filosofia grega e, mais tarde, da filosofia moderna e da ciência. Para explicar esse fenômeno, o autor percorre um amplo panorama histórico que vai dos primeiros teólogos cristãos do século 2º d.C. à teologia pós-moderna, destacando figuras como Tomás de Aquino, Guilherme de Ockham, Lutero, Calvino, Descartes, Hume, Kant, Schleiermacher, Troeltsch, Teilhard de Chardin, o Concílio Vaticano II, Pannenberg e Grenz. Em cada período, Kerbs identifica a incorporação de pressupostos extrabíblicos – sobretudo a ideia grega de um “ser” atemporal e impassível – que redefiniram o modo como Deus, o mundo, o ser humano e o conhecimento passaram a ser compreendidos dentro da teologia.

O autor argumenta que tais influências filosóficas orientaram a leitura bíblica, moldaram doutrinas e deslocaram para a margem a perspectiva própria das Escrituras. Nesse sentido, a obra não se limita a criticar doutrinas isoladas, mas denuncia o abandono da “filosofia bíblica”, isto é, da forma de pensar que emerge da revelação. Sobre essa base, Kerbs estabelece quatro metas centrais: investigar como a teologia cristã foi condicionada pela filosofia grega, pela filosofia moderna e pela ciência; mostrar como essas ideias não bíblicas distorceram temas fundamentais da fé; apresentar a filosofia bíblica como alternativa coerente e autossuficiente; e defender que a teologia pode – e deve – ser reconstruída a partir do princípio de suficiência das Escrituras, submetendo todo conhecimento auxiliar às pressuposições bíblicas. Assim, a obra apresenta-se como um chamado à recuperação de uma cosmovisão integralmente bíblica, sustentando que a atual crise teológica não resulta de insuficiências das Escrituras, mas da renúncia histórica ao seu modo próprio de pensar.

O desenvolvimento do livro se dá mediante um amplo percurso histórico e crítico no qual Kerbs procura evidenciar sua tese de que o pensamento cristão, desde seus primórdios, assimilou categorias filosóficas externas às Escrituras. O primeiro eixo central é a chamada “contaminação grega”: Kerbs reconstrói como a filosofia clássica – especialmente a distinção entre um ser verdadeiro, imutável e atemporal, e o mundo temporal considerado inferior – foi incorporada pelos teólogos cristãos do século 2º em diante, influenciando a compreensão de Deus, da realidade, do conhecimento e da existência humana. Essa matriz conceitual, segundo ele, acabou predominando sobre as categorias bíblicas, que enfatizam a revelação de Deus na história e o caráter plenamente real do tempo.

Em contraste, o autor apresenta a filosofia bíblica, entendida como um sistema coerente e suficiente, no qual Deus é eterno, mas age e Se revela de modo sucessivo; o tempo não é uma aparência, mas o cenário da atuação divina; e o conhecimento surge da revelação histórica, e não de intuições metafísicas ou estruturas atemporais. Essa alternativa pretende mostrar que as Escrituras dispõem de pressupostos próprios capazes de sustentar a reflexão teológica sem recorrer a filosofias estranhas à revelação.

Ao analisar a tradição teológica, Kerbs argumenta que Agostinho espiritualizou e destemporalizou a história ao reinterpretar passagens bíblicas para sustentar a atemporalidade divina; que Tomás de Aquino sistematizou uma teologia profundamente

aristotélica ao afirmar Deus como *actus purus*; e que Lutero e Calvino, apesar do princípio *sola Scriptura*, preservaram elementos do esquema grego ao admitir que a Bíblia descreve Deus de modo “adaptado” e não conforme sua realidade própria. Assim, até mesmo movimentos reformadores conservaram pressupostos extrabíblicos estruturantes.

No âmbito da filosofia e teologia modernas, Kerbs identifica na obra de Descartes, Hume e Kant a intensificação da cisão entre fenômeno e realidade última, que reforçou o paradigma atemporal herdado da Grécia. Teólogos como Schleiermacher e Troeltsch, embora críticos da tradição, permaneceram vinculados a pressupostos filosóficos não bíblicos. Schleiermacher deslocou a revelação da ação histórica de Deus para a experiência religiosa subjetiva, enquanto Troeltsch submeteu a teologia a um método histórico-crítico que, segundo Kerbs, inviabiliza a compreensão da revelação como ato objetivo de Deus na história.

Finalmente, ao tratar do catolicismo moderno e da teologia pós-moderna, o autor observa que Teilhard de Chardin reinterpreto a doutrina cristã por meio de um evolucionismo panenteísta orientado a um “Ponto Ômega” destemporalizado, enquanto o Vaticano II preservou a noção clássica de eternidade estática. Entre protestantes, Pannenberg e Grenz, cada um a seu modo, também conservaram categorias atemporais, demonstrando, para Kerbs, a resiliência dos pressupostos extrabíblicos mesmo em projetos que se consideram inovadores. Esse panorama forma a base de sua crítica metodológica, mostrando o afastamento histórico da teologia em relação ao modo bíblico de pensar.

Partindo para uma análise crítica da obra de Kerbs, pode-se afirmar que esta se destaca por oferecer uma leitura metodologicamente consistente da história da teologia, examinando-a a partir de suas pressuposições filosóficas mais profundas. Um dos pontos fortes da pesquisa é sua capacidade de revelar, com clareza e precisão, como determinadas categorias extrabíblicas foram sendo naturalizadas no pensamento cristão ao longo dos séculos, muitas vezes sem o devido exame crítico. Ao enfatizar o nível das pressuposições – e não apenas das doutrinas –, Kerbs contribui para um debate metodológico relevante: até que ponto a teologia cristã reconheceu, ou deixou de reconhecer, que a Bíblia apresenta não só conteúdos, mas também uma estrutura própria de pensamento? Nesse aspecto, o autor oferece um diagnóstico instigante e intelectualmente rigoroso.

Outro mérito da obra está na forma como evidencia tensões internas dentro da tradição cristã. Ao mostrar que teólogos de diferentes épocas – inclusive reformadores – assimilaram categorias filosóficas que nem sempre se harmonizam com a narrativa bíblica, Kerbs provoca uma reflexão necessária sobre a coerência interna da teologia ocidental. Seu trabalho fornece, assim, um instrumento útil para questionar continuidades acríticas entre filosofia e teologia, sobretudo no que diz respeito à compreensão do tempo, da eternidade e da ação divina. A amplitude histórica e bibliográfica do estudo também reforça sua relevância acadêmica, ainda que – por sua própria natureza panorâmica – algumas análises de autores específicos não sejam exploradas em profundidade.

No entanto, a proposta de Kerbs também apresenta pontos controversos. O mais evidente diz respeito à defesa de que Deus é um ser temporal, tese que, embora bem argumentada, se afasta da tradição cristã majoritária e suscita objeções teológicas significativas. Torres (2016), outro pensador adventista, por exemplo, faz uma crítica severa às ideias de Canale (1983; 2011; 2018), precursor da “escola” da qual Kerbs faz parte. Segundo Torres, Deus Se revela no tempo, mas não é limitado por ele. Para esse autor, os textos bíblicos usados por Canale (e, por conseguinte, por Kerbs) não provam a temporalidade divina, e aceitá-la implicaria admitir que Deus está sujeito à relatividade, entropia e limitações físicas. Ademais, os atributos de imutabilidade, eternidade e soberania só se manteriam se Deus for atemporal. Essa divergência indica que a proposta de Kerbs, devedora à de Canale, embora coerente dentro

de seu sistema, não encontra consenso e depende de pressupostos hermenêuticos específicos – particularmente a adoção de uma filosofia bíblica concebida como alternativa *integral* às tradições filosóficas clássicas.

Nessa discussão, é válido também considerar a contribuição de Craig (2001), que oferece uma solução conciliatória entre a temporalidade e atemporalidade divina, ao defender que Deus existe atemporalmente antes da criação e temporalmente após ela. Para Craig, o tempo tem início com o Universo; assim, com a criação, Deus passa a experimentar uma sucessão temporal. Nessa formulação, Deus não é eternamente atemporal num sentido absoluto, mas assume uma forma de temporalidade concomitantemente com o surgimento do mundo e em sua inter-relação com ele.

Na verdade, essa controvérsia está longe de ser resolvida, e os diferentes pontos de vista sugerem que a questão pode admitir soluções mais nuançadas do que um simples contraste entre paradigma bíblico e paradigma filosófico grego ou clássico. Ainda assim, Kerbs – seguindo de perto Canale – presta um importante serviço no sentido de questionar as bases epistemológicas do modelo predominante de compreensão de Deus e da realidade e reabrir a discussão de um tema que, para muitos pensadores, era ponto pacífico.

Além do que já se apontou, certas limitações da obra são reconhecidas pelo próprio autor, sobretudo no que diz respeito ao escopo e à metodologia adotados. Kerbs concentra-se nos pensadores considerados centrais para a formação da filosofia e da teologia ocidentais, deixando de lado outras correntes e tradições igualmente relevantes, o que restringe a abrangência histórica de sua análise. Além disso, sua investigação se dirige às categorias fundamentais do pensamento – ser, conhecimento, Deus, homem e mundo –, o que o leva a não aprofundar os detalhes específicos dos sistemas teológicos e filosóficos examinados, ainda que sustente que tal opção não compromete suas conclusões gerais.

Por fim, apesar de suas limitações reconhecidas e de pontos eventualmente controversos, a obra de Kerbs (tanto o título resenhado aqui quando seu catálogo completo) contribui, como já mencionado, para recolocar em pauta a discussão sobre as bases filosóficas da teologia cristã, oferecendo uma leitura metodológica que, embora marcada por escolhas seletivas de escopo, provoca o leitor a examinar criticamente pressuposições muitas vezes naturalizadas e admitidas acriticamente no pensamento teológico. Seu mérito, portanto, reside menos em fornecer respostas definitivas do que em reacender um debate fundamental sobre a relação entre Escritura, filosofia e tradição, evidenciando tensões que permanecem relevantes no cenário contemporâneo.

Referências

CANALE, F. L. **O princípio cognitivo da teologia cristã**: um estudo hermenêutico sobre revelação e inspiração. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2011.

CANALE, F. L. **Princípios elementares da teologia cristã**: a Bíblia substituindo a tradição. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2018.

CANALE, F. L. **Toward a Criticism of Theological Reason**: time and timelessness as primordial pre-suppositions. Tese (Doutorado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 1983.

CRAIG, W. L. **Time and Eternity**: exploring God's relationship to time. Wheaton, IL: Crossway, 2001.

KERBS, R. A. **Deconstrucción de la teología cristiana I**: desde los presocráticos hasta la ortodoxia protestante. Libertador San Martín: Universidad Adventista del Plata; Montemorelos: Adventus, Edi-torial Universitaria Iberoamericana, 2023.

KERBS, R. A. **Deconstrucción de la teología cristiana II**: desde Descartes hasta Stanley Grenz. Li-bertador San Martín: Universidad Adventista del Plata; Montemorelos: Adventus, Editorial Universi-taria Iberoamericana, 2023.

KERBS, R. **El problema de la identidad bíblica del cristianismo**: las presuposiciones filosóficas de la teología cristiana: desde los presocráticos al protestantismo. Libertador San Martín: Universi-dad Adventista del Plata, 2014.

TORRES, M. L. A relação entre Deus e o tempo: uma mudança de paradigmas teológicos na Igreja Adventista do Sétimo Dia? **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 41, p. 151-169, 2016.